

O pensamento filosófico de Leonardo Coimbra

I

«Il y a deux manières de penser : ou accepter telles qu'elles sont en usage les idées et les associations d'idées, ou se livrer, par son compte personnel, à de nouvelles associations et, ce qui est plus rare, à d'originales dissociations d'idées. L'intelligence capable de tels efforts est plus ou moins, selon le degré et selon l'abondance et la variété de ses antres dans une intelligence créatrice.»

REMY DE GOURMONT — La culture des idées, p. 73.

A figura mental de Leonardo Coimbra, professor, filósofo, orador e artista, tem andado aos baldões de vagas encrespadas, na espuma sangrenta deste mar proceloso que é a vida social portuguesa. De uma banda, alguns dos seus admiradores comprometem-lhe a reputação, apreciando inseguramente, com psitacismos banais, uma obra que não leram; de outra banda, os detractores carreiam-lhe as pedras de um monumento — o monumento de Bartrina — alvejando-o como garotos com a improcedência de acusações que o não atingem. Entre os dois grupos de pares na parcialidade, em pleno equilíbrio crítico, deve tomar lugar quem pretender, respeitando-se a si mesmo, focar pelo estudo uma das mais curiosas e admiráveis afirmações intelectuais do Portugal contemporâneo.

Leonardo Coimbra não é um especialista. «No man can be a purespecialist without being, in the strict sense, an idiot», disse com assêrto Bernardo Shaw. Leonardo Coimbra é uma mentalidade de tendências complexas como todas as mentalidades superiores. Como professor faz os seus cursos servindo-se daquela elevação de inteligência e afabilidade que transmuta em amigos cada um dos seus discípulos.

Como orador, morto Alexandre Braga, emudecido António Cândido, quero dizer, morto António Cândido também, porque «a oratória não póde ser nunca um monólogo», na exacta expressão de quem maravilhosamente a cultivava, (1) e entre o verbo académico de António Cândido e o ambiente social deste século é impossível a compenetração, ninguém melhor do que Leonardo Coimbra sustenta hoje as tradições tribúnicas de José Estêvão, em que o nosso meridionalismo tem sido parco, apesar da opinião foliculária corrente proclamar a tese oposta. A sua oração parlamentar sobre a *Questão Universitária*, sem vacuidades oratórias, sem o desairoso internamento pela charneca do lugar comum do Con-

selheiro Arrobas, pronunciada medidamente, cingida no sereno critério de quem tem de defrontar os problemas nacionais muito acima das murmurações diárias da planície, o seu discurso sobre *Camões e a fisionomia espiritual da pátria* e as palavras triunfais que o engrandeceram em Madrid, como embaixador da inteligência portuguesa, reservam-lhe na tribuna da nossa terra o primeiro lugar. Como filósofo e como artista, porque estas duas modalidades mentais casam-se nele harmoniosamente, integram-se como as duas faces de uma só moeda, Leonardo Coimbra oferece-nos uma obra notavelmente original, irregular a espaços, desigual talvez, ainda imprecisa nos contornos científicos, prejudicado o filósofo com a exuberância lírica do poeta, prejudicado o poeta com certos geometrismos de raciocínio do filósofo, mas, não obstante, obra muito apreciável e admiranda, perante a qual é de justiça intuitiva que nos detenhamos, tirando-lhe, ao menos, respeitosa-

mente o chapéu.

É que desde a morte de Bruno, só Leonardo Coimbra escreveu filosofia em Portugal.

O pensamento filosófico de Leonardo Coimbra, esboçado a carvão no seu primeiro livro (*O Criacionismo*, 1912) concretisa-se no *Pensamento Criacionista* (1914), no *Problema da indução* (Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1920) e no *Pensamento filosófico de Antero do Quental* (1922). A *Alegria*, a *Dôr* e a *Graça* (1916), talvez o seu melhor livro, e a *Luta pela imortalidade* (1918) são-lhe subsídios indispensáveis.

Que ninguém cuide, porém, ser-lhe de fácil realização um demorado passeio pela floresta especulativa do filósofo-poeta. A selva é palpitante de seivas e clorofilas. De todos os lados surgem ao nosso encontro, ramorosos e frescos, os rudes, robustos abraços vegetais. Vê-se ali crescer a planta, como no *Sertão* de além-Atlântico. Mas, só de onde em onde a mão sabedora do camponês há de erguer-se a colher o fruto, porque só ela sabe onde está.

«O pensamento filosófico não pode vulgarizar-se no sen-



(1) D. Antonio Maura — V. *Trinta y cinco años de vida publica*, por Ruiz Castillo, p. 16 e 17.

todo de ser posto ao alcance dos diligentes e dos adormecidos»: eis o aviso que nos inquieta quando transpomos o domínio vedado, o fabuloso jardim das Hespérides que tentamos devassar. Esta verdade é intuitiva, porque se o episódio de Praxiteles encerra uma lição aceitável na terra firme da técnica, *à fortiori* nos induz a uma concordância no meio oscilante e incerto em que adeja a especulação.

Bergson dissera também: «*On mesure la portée d'une doctrine philosophique à la variété des idées où elle s'épanouit et à la simplicité du principe où elle se ramasse.*»

E insistira ainda: «*Un philosophe digne de ce nom n'a jamais dit qu'une seule chose: encore a-t-il plutôt cherché à la dire qu'il ne l'a dite véritablement. Et il n'a dit qu'une seule chose parce qu'il n'a vu qu'un seul point: encore fût-ce moins une vision qu'un contact.*» A doutrina de Leonardo Coimbra documenta estas afirmações bergsonianas. Efectivamente o seu princípio nuclear é de uma simplicidade notável, tão simples que o não apreendem os nossos jornalistas e os nossos publicistas, quer tenham, quer não tenham condecoração. Todavia, assim como à luz bruxoleante de uma candeia, faúlha de claridade, se policromizam as formas das coisas em redor, assim, à luz de uma só atitude sistemática, o nosso mundo interior assume um aspecto alheio, de que os nossos olhos da alma andavam longinquamente arredados.

Ainda para Bergson a imagem nova do universo que êle próprio nos oferece caracteriza-se pelo *poder de negação* que a acompanha. «*Devant des idées courageusement acceptées*» diz o filósofo do colégio de França, «*des thèses qui paraissent évidentes, des affirmations qui avaient passé jusque-là pour scientifiques, elle souffle à l'oreille du philosophe le mot: impossible*». No *Criacionismo*, naquele escandaloso livro que a ciência oficial, habituada a outro tipo de letra, não conseguiu ler, nem sequer avaliar, Leonardo Coimbra entrega-se quasi todo a um trabalho demorado e cuidadoso de uma análise minuciosamente feroz. Todas as sistematizações filosóficas passam sob o escalpelo da sua crítica e o aspecto negativista desta tese do filósofo não empana o brilho de que se revestem as conclusões construtivas que nos ensina. Está agora em moda ter horror, um grande horror íntimo à destruição, como se destruir não fôsse sempre substituir, como se destruir não fôsse ainda hoje a condição essencial para edificar. Esse horror que a senilidade mental manifesta pela destruição não é mais do que o instinto egoísta a falar alto dentro dela, a gritar para ser ouvida, no justo receio de se ver destruída também.

Negativas, originalmente negativas, das até então mais seguras verdades filosóficas, são as ideias de Bergson, e nem por isso deixam de ser ao mesmo tempo a estrada larga e cheia de sol por onde marcham, cantando, as modernas tendências do pensamento filosófico. É sempre em torno das fogueiras das verdades mortas que se aquecem, para a vida, as verdades que acabaram de nascer.

Anote-se porém: Nesta insistência que aqui se vislumbra em citar-se Bergson a propósito dos ensaios filosóficos, originais, de Leonardo Coimbra, põe-se apenas o interesse que se possui, em cotejar duas orientações que se avizinham, duas orientações que se encontram por vezes no mesmo caminho, para ao depois se revelar quanto qualquer delas tem de independente e de *seu*.

Até hoje os críticos do filósofo português não encontraram nos atulhados arsenais do pensamento, mais que dois argumentos, de continuo brandidos a mãos ambas (a mãos ambas é um eufemismo tolerável) argumentos que transcendem o terreno da lógica, por sinal.

Ao princípio acusavam-no de ininteligível e confuso, e

sendo certo que Leonardo Coimbra não é tão claro como o sr. Augusto de Castro, por exemplo, também Kant James e Bergson, *et j'en passe*, não são tão claros como o ilustre director do *Diário de Notícias*. Este argumento pode, afinal, resolver-se contra os críticos, indagando por miudos, para que lado teria de ser debitada a tremenda, a formidável deficiência. Leonardo Coimbra vai a terras de Castela como embaixador da inteligência portuguesa, aí foi entendido e admirado, aí foi traduzido, aí foi comentado na solenidade das classes universitárias, aí fez, dias seguidos, as suas lições, aí encontrou discípulos das suas doutrinas e o argumento que mais alto gritava contra êle calou-se encolhido na boca atrevida que o pusera a correr.

Mas como era preciso certificar melhor a insuficiência mental dos seus acusadores, outro argumento, de valor idêntico, apareceu de pé:

Leonardo Coimbra seria um filósofo compreensível, um filósofo ao alcance de quem tivesse cultura filosófica para o ler (isto se concedia), mas indubitável era também que a filosofia de Leonardo Coimbra se filiava, embora remotamente, na escola francesa de Bergson. Não é oportuna, agora, uma demora para se analisar o conceito de *originalidade* que envolve a acusação. Aceita-se tal como a empregam, para se proclamar, à maneira de corolário, que, sendo assim, nunca filósofo algum foi inteiramente original.

Hüfding, sem intuitos deprimentes, enfileira na ascensão mental de Bergson uma boa dezena de filósofos ilustres, partindo de Montaigne e Pascal para fechar com Boutroux e Guyau.

Georges Batault quasi avança que «*a grande construção especulativa*» do autor da *Evolução criadora* é um desenvolvimento das ideias de Nietzsche.

«*La plupart des grandes idées, des grandes conceptions bergsoniennes, sont en germe, sinon toujours développées, dans les oeuvres philosophiques de Nietzsche.*»

É uma verdade que algumas afirmações essenciais de Bergson são análogas às de Nietzsche — aponta um comentador — tais como o carácter prático da inteligência, a marcha da humanidade para uma super-humanidade, a função criadora do indivíduo, a negação dum princípio imutável do universo e a reintegração do tempo eficaz; mas, acrescenta o mesmo comentador — estas teses diferem profundamente se se aprofundar o pensamento dos dois filósofos, em especial, pela *intenção*. Maior analogia existe, sem dúvida, entre as ideias de Bergson e as de William James, e não obstante foi o próprio James quem escreveu isto de Bergson:

«*Ni l'un des trois fameux principes de Taine pour expliquer l'apparition des grands hommes, la race, le milieu et le moment, ni, non plus, tous les trois réunis, n'expliqueront cette manière particulière de considérer les choses qui constitue la physionomie intellectuelle de Bergson. L'originalité d'un homme ne date pas de quelque chose d'antérieur: c'est d'elle plutôt que datent certaines autres choses. Il me faut avouer que l'originalité de Bergson offre une telle profusion qu'il est beaucoup de ses idées qui me déconcertent absolument...*»

Que atitude teria Bergson para com o filósofo português se Portugal não ficasse, como efectivamente fica, para cá das fronteiras da civilização?

O segundo argumento dos críticos fáceis de Leonardo Coimbra não tem maior valor real do que o primeiro, e como o primeiro ha de encolher-se, pacatamente, na jaula caprichosa de onde o desprenderam, quando o pensamento do filósofo, na sequência da sua evolução, tiver quem, descedo-o do pedestal dos livros, o trouxer para as colunas

dos jornais e das revistas, revelando-o às almas sedentas de beleza, que são as almas da mocidade de Portugal.

De resto, é fácil de crêr em Chateaubriand que «*a originalidade não consiste em não imitar, consiste, sim, em não poder ser imitado*», e a esplêndida cultura do pensador do *Criacionismo* não a improvisa, de repente, quem, facilmente improvisa desdem por aquilo que não conhece e que, por consequência, não pode, honradamente, criticar.

Dessa cultura daremos prova noutro artigo, pondo em

confronto o pensamento bergsoniano com o pensamento de Leonardo Coimbra e estudando o último com demora.

Êste artigo — indispensável como prólogo — já deve exceder a capacidade de paciência do leitor, sendo certo que excede, por igual, o espaço que a gentileza da *Seara Nova*, sempre com o melhor sorriso de acolhimento, sorriso que penhora, colocou à nossa disposição agradecida.

Lisboa, Março de 1922.

TEÓFILO JUNIOR.